

No fio da navalha

**PINTO'S
CABELEIREIROS**
C. C. APOLO 70, L.J. 45
AV. JÚLIO DINIS

Barbeiro? Não. Cabeleireiro de homens. É assim que, desde 1971, Joaquim Pinto denominou o seu espaço, um verdadeiro marco na história da profissão, quer pela sua localização, já que foi o primeiro dentro de um centro comercial, quer pelo simples facto de o termo "barbeiro" não se lhe poder aplicar. Porquê? "Com muito respeito pela figura do barbeiro, a profissão evoluiu e, hoje, já se fazem outros trabalhos. A barbearia, como o nome indica, nasceu para se fazer barbas e, nos dias que correm, praticamente já não se fazem."

No mercado há 44 anos, Joaquim Pinto sempre soube que esta iria ser a sua profissão e ainda se recorda do dia em que, com oito anos, observava o barbeiro de S. Martinho de Mouro, em Resende. "Fiquei a olhar para os cabelos e apercebi-me de que era a minha paixão. O barbeiro disse-me: 'Ó moço, tu deves ser barbeiro à força.'"

À força ou não, a verdade é que assim foi. Com vinte anos, já em Lisboa, foi fazer a inspecção militar e foi na recruta que, conta, começou a trabalhar. A guerra do Ultramar levou-o até Guiné, entre 1964 e 1966, onde, curiosamente, usava com mais frequência o seu clarim e as tesouras do que uma espingarda propriamente dita. Hoje, o antigo chefe do seu batalhão ainda é um cliente.

Apesar da modéstia, Joaquim Pinto tem uma carreira recheada de pontos altos. Para além de já ter vencido alguns concursos, é também um dos maiores coleccionadores de peças históricas, sendo a estrela da sua colecção, que estará exposta num museu *on-line* que está a construir (www.pintoscabeleiros.com), a navalha do Rei D. Carlos. Além disso, com um salão sempre cheio, tem uma clientela de luxo. "Gostam de entrar e sair a não se notar que saíram do cabeleireiro. Tudo muito natural e simples porque querem voltar para as suas empresas, para a Assembleia ou, até, para a televisão." Nomes não gosta de adiantar, por respeito aos seus clientes, mas refere Sá Carneiro, que relembra com saudade. "Foi meu cliente e amigo. Ainda tenho a ferramenta com que cortava o cabelo ao saudoso Sá Carneiro. Era naquela cadeira que o atendia. A última vez foi a 18 de Novembro de 1980."

Com 66 anos, Joaquim Pinto considera que a profissão melhorou em termos de condições de trabalho. E se há crise, esta chega mais depressa a quem não evoluiu e segue preso a cortes muito simples. "Um restaurante que só sirva um prato também não tem um futuro risonho pela frente."



**REGRESSO AO
PASSADO**

Em cima, a navalha do Rei D. Carlos. Ao lado, pormenores da antiga barbearia do Hotel Britânia.



**OS MELHORES AMIGOS
DO BARBEIRO**

Tesouras, navalhas e pentes compõem a preciosa colecção de peças de época de Joaquim Pinto. Ao lado, o Hotel Britânia ainda preserva a cadeira da antiga barbearia, dos anos 40.